IX SEMANA DA PEDAGOGIA

DELÍRIOS LITERÁRIOS: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AS PERSONAGENS BIBIANA E BELONÍSIA À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI

MOREIRA, Suana do Rozário¹
CRISTOFOLETI, Rita de Cassia²

“Poesia pra mim é a loucura das palavras, é o delírio verbal, a ressonância das letras e o ilogismo. Sempre achei que atrás da voz dos poetas moram crianças, bêbados, psicóticos. Sem eles a linguagem seria mesmal. [...] Prefiro escrever o desanormal”. (Manoel de Barros)

Resumo

O presente artigo se propõe a desenvolver uma análise da relação entre as personagens fictícias Bibiana e Belonísia da obra *Torto arado* fundamentada na abordagem histórico-cultural de Vigotski, tendo como objetivo entender a influência da relação entre as duas irmãs na constituição de suas individualidades a partir de um acontecimento na infância que marcou para sempre suas vidas. As irmãs dividiam o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que ambas “precisavam ser”. entretanto, é possível notar que na tentativa de suprir esta necessidade, ambas criaram um vínculo de coexistência. De acordo com Vigotski, mediados pela palavra, por instrumentos e signos, nós somos atravessados por relações sociais desde o nascimento e assim vamos sendo forjados pela cultura e ao mesmo tempo vamos forjando novas culturas. Dessa maneira, é através da relação com o outro que nos tornamos nós mesmos. A inquietação por este estudo surge a partir das reflexões acerca das abordagens de Vigotski e que de certa maneira me influenciaram na busca por entender acerca das relações sociais das personalidades presentes na obra literária.

Palavras-chave: Perspectiva Histórico-Cultural. Literatura. Subjetividade.

Introdução

Ao ler *Torto arado*, encontramos uma obra extremamente rica em termos literários, a abordagem de temas tão importantes de serem discutidos atualmente é uma das principais razões para a obra alcançar tamanha dimensão. Se fizermos uma leitura minuciosa da obra, nos debruçarmos sobre algumas situações dignas de análise que passam despercebidas entre assuntos tão relevantes. A relação das irmãs

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: suana.moreira@edu.ufes.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br

Bibiana e Belonísia por exemplo, tem muito mais complexidade do que se imagina, basta analisar esta relação através da perspectiva de Vigotski.

Desse modo, o presente estudo consiste na elaboração de uma análise baseada na abordagem Histórico-cultural de Vigotski com a finalidade de entender a relação estabelecida entre as personagens Bibiana e Belonísia da obra *Torto arado*.

Um incidente na infância marcou para sempre as vidas de Bibiana e Belonísia, as irmãs brincavam com uma faca escondida na mala da avó Donana quando num ato involuntário as curiosas meninas colocam o atraente objeto na boca. Ambas feriram suas línguas, mas só Belonísia teve parte do membro decepado. Os médicos disseram que a criança teria dificuldade para falar e se alimentar, sendo necessário o retorno constante à cidade para acompanhamento médico e a realização de exercícios de fala.

Mas, para uma família que vivia em condições análogas à escravidão, era praticante impossível se dar ao luxo de frequentemente ir até um Hospital tão distante. Restou à família se conformar que a fala de Belonísia não voltaria ao normal e as irmãs, que eram tão próximas em idade, tiveram que se reinventar diante da novidade, uma delas se calaria enquanto a outra assumiria a responsabilidade de ser sua portavoza.

A palavra é o cerne de nossa hominização, é um recurso privilegiado unicamente ao ser humano, “a palavra tem o poder de regular e de conferir um caráter mediador à relação entre as pessoas (Góes,2000, p.121). É na relação entre as pessoas, mediada pela palavra, que nós vamos nos constituindo. A relação com o outro tem esse caráter dialético de afetar e ser afetado, de constituir e ser constituído. Assim, mediados pelo recurso privilegiado da palavra, na medida em que tecemos relações, também somos tecidos durante esse percurso.

Desse modo, seria uma pessoa capaz de se igualar a outra por meio de suas relações? O meio age como fator determinante ou constitutivo do ser? Estas são questões que buscamos responder neste artigo através das contribuições de Vigotski. No primeiro subtítulo desenvolvemos uma análise da relação entre as irmãs a partir da narração de Bibiana, no segundo, é a vez de conhecer a história a partir das lentes de Belonísia, em seguida, analisamos a relação ou não-relação entre Belonísia e a escola, por fim, fazemos ponderações nas considerações finais.

1 A que emprestou a voz fala pela que emudeceu

Bibiana, que tinha a voz, relata sobre o início do processo de ser a porta voz da irmã, as dificuldades iniciais e logo em seguida a adaptação. Para ela, neste caminho, as duas acabaram se tornando parte uma da outra.

“Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. Para que a simbiose ocorresse e produzisse um efeito duradouro, as disputas ficaram, naturalmente e por um tempo, de lado. Ocupávamos o tempo com as apreensões do corpo da outra. No começo foi difícil, muito difícil. Era necessário que se repetissem palavras, que se levantassem objetos, que se apontasse para as coisas que nos cercavam, tentando aprender a expressão desejada. Com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência. Às vezes nos aborrecíamos com algo, mas a necessidade de comunicar o que a irmã precisava, a mesma necessidade de comunicar à outra irmã o que precisava ser expressado, fazia com que esquecêssemos a causa de nossas queixas. Foi assim que me tornei parte de Belonísia da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos aos anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser” (p.23-24).

A relação entre ambas se tornara tão próxima que em alguns trechos Bibiana usa as expressões “simbiose”, “as iguais”, “quase siamesas” e “uma à outra sem perder suas essências”. Ela ainda acrescenta que ambas dividiam o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que ambas “precisavam ser”. Entretanto, é possível notar que na tentativa de suprir a necessidade de “ser”, ambas criaram um vínculo de coexistência. Se para Fanon (2008, p.33), falar é existir absolutamente para o outro, Belonísia não existia absolutamente para o seu meio, pois embora tinha outros recursos que lhe possibilitaria se comunicar diretamente com ele, ela só os utilizava para se comunicar com Bibiana que assumia o papel de enunciativa.

Na abordagem histórico-cultural de Vigotski, a relação que a criança tem com o mundo é mediada pelo outro e pela linguagem desde o seu nascimento. Desse modo, nas suas relações sociais, ela se apropria, através da mediação pelo outro, das formas culturais de perceber e estruturar a realidade e as internaliza e reconstrói internamente, constituindo assim, o funcionamento intrapessoal (Ometto, 2005, p.29).

Belonísia, como qualquer criança, teve sua relação com o mundo mediada pelo seu meio e pela palavra, no entanto, a partir do momento em que perde parte da língua, tornou-se necessário encontrar outros meios de comunicação para manter suas relações sociais. Como solução para isso, as irmãs passam a treinar uma

comunicação baseada no uso de elementos mediadores como signos, gestos e instrumentos. No entanto, esta relação não se estendeu entre os familiares, os vizinhos e as outras crianças, a relação de Belonísia com seu meio passa a depender unicamente de Bibiana, uma vez que só ela compreendia a linguagem da irmã.

De fato, para Vigotski a relação estabelecida entre Bibiana e Belonísia constituía o ser uma da outra, entretanto, apesar da relação tão íntima entre as irmãs, Bibiana não poderia ser igual Belonísia e nem vice-versa, uma vez que nesse movimento de constituição pelas relações há também um movimento de modificações em ambos os lados. E para Vigotski esta perspectiva dialética de afetar e ser afetado pelo outro é fundamental para a subjetividade humana. Como afirma Góes:

As interações verbais internalizam-se, isto é, são reconstruídas no plano individual, transformando-se em funções psicológicas e criando a base para a estrutura social da personalidade. As funções psicológicas emergem no plano das relações sociais, e o indivíduo se constrói a partir delas. (Góes, 2000, p.121)

Dessa maneira, vale refletir sobre o impacto que a relação entre Bibiana e Belonísia causou na transformação do ser de cada uma delas, uma vez que baseada na perspectiva de Vigotski, essa relação não consiste em assujeitamento e sim em transformação. Em certa altura da vida, Bibiana se apaixona por seu primo Severo e ambos posteriormente descobrem que estão esperando um filho, o casal então decide fugir da fazenda Água negra e tentar a vida em outro lugar:

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio (p.87).

Neste trecho, a personagem fala sobre a dor de levar consigo o único meio de expressão da irmã, para ela, sua língua havia retirado o mutismo de Belonísia, libertando-a do silêncio. Levando consigo esse recurso, Bibiana sentia que estava cometendo a pior das traições, entretanto, ao falar pela irmã, será que Bibiana não contribuía ainda mais com o seu silêncio?

É interessante que o próprio Itamar Vieira Júnior (autor do livro) deixa isso subentendido na organização da obra, ora, é curioso pensar que a partir do momento

em que Bibiana (a primeira narradora) foge da fazenda, a história finalmente passa a ser narrada sob as lentes de Belonísia.

2 As palavras deixadas pelos caminhos solitários de Belonísia

O trecho a seguir está na segunda parte do livro intitulado Torto arado, nela, quem narra a história é Belonísia:

Passado muito tempo resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recorro da palavra que escolhi: arado. [...] gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. “vou trabalhar no arado.” “vou arar a terra.” Seria bom ter um arado novo, esse arado está troncho e velho.” O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada. Tentei outras vezes, sozinha, dizer a mesma palavra, e depois outras, tentar restituir a fala ao meu corpo para ser a Belonísia de antes, mas logo me vi impelida a desistir. Nem mesmo quando o edema se desfez consegui reproduzir uma palavra que pudesse ser entendida por mim mesma. Não iria reproduzir os sons que me provocavam desgosto e repulsa e ser alvo de zombaria para as crianças na casa de Firmina, ou para as filhas de Tonha. Durante todos esses anos, somente quando estava só, e mesmo assim muito raramente, ousava dizer algo. Era um tipo de tortura que me impunha de forma consciente, como se a faca de Donana pudesse me percorrer por dentro, rasgando toda a força que tentei cultivar desde então. Como se o arado velho e retorcido percorresse minhas entranhas lacerando minha carne. Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso, e as únicas coisas a que tínhamos direito era morar até quando os senhores quisessem e a cova que nos esperava fosse cavada na Viração, caso não deixássemos Água Negra. Mas eu persistia e repetia as palavras mais duras, as que não gostamos de ouvir, para mim mesma, nos caminhos que percorria sozinha e que com o passar do tempo foram se tornando mais frequentes. Não me furtava a dizer o que faria muitos correrem, temendo a virulência de uma língua. Eram palavras repetidas por minha voz deformada, estranha, carregada de rancor por muitas coisas, e que só fez crescer ao longo dos anos. Agora, com os maus-tratos de Tobias, elas se tornaram mais vis, eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva (p. 127-128).

As palavras acima materializam a ideia de que Belonísia sentia necessidade de falar por si, de colocar para fora todas as suas angústias e sentimentos, de sentir a sua existência através da fala. Entretanto, o som que saía de sua voz ao pronunciar as palavras lhe provocava repulsa e desgosto, ela tinha receio de se tornar alvo de zombaria entre outras crianças e então passa a tentar falar para si mesma quando se encontrava sozinha. Sua vida era difícil, os abusos que sofria no casamento e a situação de servidão que ela e sua família vivia na fazenda água negra contribuíam para que Belonísia sentisse a dor da servidão ainda mais latente. Segundo ela, eram as palavras que saíam do “horror” de seus sons que lhe mantinham viva.

A palavra arado não foi escolhida por acaso, para além de um som “redondo”, “fácil” e “ruidoso”, o arado é um elemento simbólico, pois da mesma maneira em que o instrumento é culturalmente utilizado para arar a terra e facilitar a vida dos trabalhadores, é também utilizado pela menina com uma nova significação: por ser fácil e redondo, o arado no campo da palavra, foi usado para percorrer o som de sua boca. Conforme Bakhtin (2002,p.121 apud Ometto, 2005,p.13) “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Belonísia cresceu vendo seu pai e muitos outros trabalhadores da roça ararem a terra para o plantio, era esse fazer que permeava a vida de todos os que vivem na fazenda Água negra, portanto, enquanto instrumento, o arado possibilitou aprendizados com o meio social em que Belonísia estava inserida, lhe permitindo fazer tal analogia.

3 Belonísia e sua não-relação com a escola

*Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã mais velha e minha mãe, do que da **professora sem paciência** que dava aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente [...] minha mãe, depois de muito aborrecimento, já se mostrava conformada, afinal eu **já sabia ler e escrever** o necessário, e **fazia rol de feira** melhor que ela. **Sabia fazer também contas simples**. Seu coração ficou quieto. No mais haveria de concordar comigo que meu futuro não poderia ser melhor, no fim das contas eu não poderia dar aula em Água Negra, nem em povoado ou cidade próxima. Não se tinha notícias de professora muda nas redondezas. Em seu íntimo, assentia que eu **não poderia ensinar** já que **não saía palavra da minha boca**. (P.99)*

Belonísia sabia ler, mas ao contrário de Bibiana, ela não sentia interesse pelas aulas da professora Lourdes, seu desejo era estar na companhia do pai, na roça, aprendendo a lidar com a terra. Com a partida de Bibiana, seu desinteresse pela escola se tornara ainda maior pois era a irmã quem lhe auxiliava nas tarefas, pouco aprendia com a professora, uma vez que Lourdes não tinha paciência para lhe ensinar.

Por ser professora, era Lourdes quem desempenhava o papel de agente mediadora na sala de aula, somada a interação com as outras crianças, este é um papel fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mas, no caso de Belonísia não havia uma linguagem ligando a relação entre professora e aluna ou entre a aluna e seus colegas de classe. Desse modo, sem conseguir se “encaixar” na

escola, a menina não vê motivos para continuar estudando. Ao se afastar do ambiente escolar, Belonísia perde a oportunidade de desenvolver aprendizados para além daqueles que ela já conhecia, uma vez que a educação escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem:

A educação escolarizada e o professor são constitutivos do desenvolvimento dos indivíduos (e dentro dele a atividade da escrita e a reflexividade), na medida que podem interferir deliberadamente no desenvolvimento proximal de seus alunos, contribuindo para a emergência de processos de elaboração e de desenvolvimento que não ocorreriam espontaneamente. (Ometto, 2005, p.25)

Para Vigotski, a Zona de desenvolvimento proximal é o espaço da mediação, onde a ação (ensino) do outro pode acontecer. A ZDP, como também é chamada, fica entre o nível de desenvolvimento real, que nada mais é do que o nível de conhecimentos consolidados pelo sujeito, e o nível de desenvolvimento Potencial, que consiste naquilo que tem potencialidade de acontecer. Desse modo, o objetivo do professor é transformar tudo o que é potencial em real no aluno, na escola este ciclo é incessante.

Enquanto espaço estrategicamente criado para se estabelecer relações de ensino-aprendizagem, a escola possibilita de maneira planejada e intencional o contato com a cultura e com o conhecimento científico, assim, ela se configura como um ambiente fundamental no desenvolvimento da criança.

De acordo com Cristofoleti e Ometto (2016, p.68) “a tarefa do educador é, portanto, oferecer ao aluno o novo, para partilhar do mundo. A "novidade" do novo é a esperança do velho, que perdeu a sensibilidade em virtude da familiaridade com o mundo. O novo reanima o velho, por mostrar a novidade.” Saber ler, escrever, e fazer cálculos simples já estava no campo de desenvolvimento real de Belonísia, seria necessário então a ação da professora para que sua aluna pudesse se ver diante de novos desafios e possibilidades de aprendizado. Todavia, Belonísia acreditava que o vínculo com a escola não era mais necessário já que já se via familiarizada com as coisas que aprendera.

Dada a importância da escola no desenvolvimento do aluno, fica evidente que através da mediação, todo aluno tem potencialidade de aprender, no entanto, se Belonísia não tinha mais a irmã para lhe auxiliar na escola e considerando que a professora não tinha paciência para lhe ensinar, será que Belonísia conseguiria

aprender por si? Para responder esta questão é necessário considerar o seguinte raciocínio de Vigotski:

Quando deixadas a si mesmas, nunca atingirão formas bem elaboradas de pensamento abstrato, é que a escola deveria fazer todo esforço para empurrá-las nessa direção, para desenvolver nelas o que está intrinsecamente faltando no seu próprio desenvolvimento (Vigotski,1991, p.60)

Desse modo, podemos comparar Belonísia a um barco à deriva. Sem o timoneiro, que tem a função de orientar a embarcação mar à dentro, o barco perde a direção, não avança, ou navega em círculos. Belonísia teria dificuldade para avançar e desenvolver novos aprendizados sem acesso a estas relações de ensino estabelecidas em sala de aula, sua permanência na escola se tornou inviável pois se viu deixada de lado, sem o “empurrãozinho” da irmã, sem interação com os colegas e sem alguém com paciência para lhe guiar.

Tentei romper o meu espanto e articular algumas intervenções com os mesmos gestos que durante muito tempo foram compreendidos e transmitidos por Bibiana aos demais. Como tentei, naquele instante, recuperar o elo que nos fazia quase uma! Mas os gestos não eram entendidos de pronto, minha irmã precisava tentar uma, duas ou muito mais vezes, até que cansássemos. Domingas parecia me compreender muito mais. Já havia perdido, em parte, a habilidade de transmitir meus sentimentos, minha incessante capacidade de me comunicar que dormia por longo tempo, desde a sua partida. (p.130)

Com o retorno de Bibiana à fazenda Água negra, Belonísia relata sua tentativa frustrada de tentar se comunicar novamente com a irmã, os gestos da menina já não eram compreendidos tão facilmente como antes. Belonísia afirma que a irmã Domingas parecia lhe entender muito mais do que a que esteve fora. Ao se afastar, Bibiana teve relações com outro meio social enquanto Belonísia permaneceu no mesmo lugar. Visto que os indivíduos estão em constante construção e este processo de constituição não deve ser concebido como algo estático, mas inteiramente dependente das relações sociais (Góes,2000, p.121), o trecho acima remonta a ideia de que as irmãs não conseguiam se entender com a forma de comunicação que tinham estabelecido quando crianças porque já não eram mais as mesmas de tempos atrás, a todo momento elas estiveram em constante construção.

Considerações finais

Em Vigotski, entendemos a importância das relações sociais na constituição de nosso ser, percebemos que o desenvolvimento cognitivo do aluno ocorre através das relações estabelecidas no ambiente escolar. A escola, espaço planejado e organizado para estimular o aprendizado do aluno por meio da mediação do professor, é fundamental para que esse desenvolvimento aconteça. Entretanto, para que possamos estabelecer relações com nosso meio social, necessitamos do recurso da palavra, pois a ela cabe este caráter mediador. As personagens da obra possuíam uma relação muito próxima, além de irmãs, elas tinham outra coisa em comum, a língua.

Bibiana falava por Belonísia, já que a irmã emudeceu. Mas nesse movimento de ser sua porta-voz, Bibiana chega a se considerar quase igual a irmã. De fato, entendemos que as relações são responsáveis pela constituição do ser, no entanto, as relações não têm esse caráter determinista de assujeitamento, Bibiana e Belonísia não se tornaram uma à outra por manterem esta relação de compartilhamento da língua, uma vez que cada uma possuía a sua individualidade.

Com a ausência de Bibiana na vida de Belonísia, a irmã muda se viu sozinha, pois perdera o recurso que mediava sua relação com seu meio. A escola já não fazia sentido para Belonísia pois ela não conseguia manter relações no espaço e a professora não tinha paciência para lhe ensinar novos conhecimentos. A subserviência fazia parte do meio em que Belonísia estava situada, ela nasceu em uma fazenda onde sua família vivia em condições análogas à escravidão, neste lugar de servidão eles não tinham posse sequer das batatas plantadas no quintal. Tendo se afastado do espaço que poderia lhe oferecer outras possibilidades, Belonísia se casa e vive um relacionamento também baseado na subserviência. Em meio a tantas opressões que lhe furtavam a voz, a menina só queria sentir sua existência através da fala, pois era isso que lhe fazia ser Belonísia.

Referências

CRISTOFOLETI, Rita de Cássia. **O que se sabe, o que se aprende, o que se ensina**: uma leitura das relações de ensino cotidianas a partir dos lugares sociais ocupados por seus protagonistas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

CRISTOFOLETI, Rita de Cássia; OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro. Verdade, mentira ou apenas um caso de poesia? A produção imaginária cultivada na escola. **Educação: Teoria e prática**, [S. l.], v. 26, n. 51, p. 64–78, 2016. DOI: 10.18675/1981-8106.vol26.n51.p64-78.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet**. *Educação & Sociedade* [online]. 2000, v. 21, n. 71, p. 116-131.

JÚNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

OMETTO, Cláudia Beatriz de Castro. **A prática de produção de textos nas séries iniciais do ensino fundamental: as mediações da professora e o desenvolvimento da reflexividade nas crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto (org.) 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.